“Mas que as há, há”: quase metade dos portugueses acredita em bruxaria

Tiago Ramalho – Público, 22 de novembro de 2022

“Eu não acredito em bruxas, mas que as há, há” – a expressão é uma muleta recorrente para atirarmos quando há coincidências ou fenómenos que não sabemos explicar e é também uma adaptação da popular versão castelhana “*No creo en brujas, pero que las hay, las hay*”. No entanto, mesmo que possa parecer estranho à primeira vista, quase metade da população portuguesa acreditará em bruxaria.

Estamos a falar de vários tipos de práticas, mas o conceito base é este: “Uma pessoa pode amaldiçoar ou lançar feitiços que provocam coisas más a outra pessoa.” (…) Concretamente, falamos de pessoas que acreditam na existência de mau-olhado (um olhar de inveja ou malvadez que nos deixa mal dispostos, por exemplo), em rituais que trazem azar a outros ou até em rezas para atrair problemas para a vida de outra pessoa. Em Portugal, Boris Gershman utilizou os serviços de uma empresa de estudos e sondagens para perguntar a 1501 pessoas (pessoalmente ou por telefone) se acreditavam nesta capacidade de uma pessoa amaldiçoar outra através de bruxaria: 48% responderam que sim.

O número pode surpreender, até porque falamos de um fenómeno sem qualquer base racional ou científica. (…) Se olharmos só para a União Europeia, apenas Grécia, Letónia (ambas com 66%), Bulgária (55%) e Lituânia (51%) têm valores mais elevados do que Portugal (*…).*

“Quando hoje falamos em bruxaria, tem contornos diferentes, fora do imaginário típico. Há uma reconfiguração do próprio fenómeno, porque alguns até preferem designar-se como videntes, incorporam elementos diferentes de uma magia ligada a tradições pagãs”, contextualiza Helena Vilaça.

Do que falamos então? “Pode-se recorrer à bruxa somente para ela deitar as cartas [como o *tarot*]. Mas temos outras coisas. Podemos acreditar que um objecto vai produzir efeitos em terceiros – por exemplo, levar uma peça de roupa de alguém à bruxa. Em questões de casos amorosos é muito típico. Ou o vudu, em que espetamos um boneco com agulhas na expectativa de provocarmos dor”, exemplifica Helena Vilaça.

Em Portugal, a iniciativa mais conhecida será a tradicional sexta-feira, 13, de Montalegre, onde se celebram as bruxas, espíritos e demónios. Na tradição popular, era considerada a noite em que todas estas figuras maléficas saíam das trevas e surgiam para amaldiçoar a população. A personagem central nesta narrativa, que continua a assinalar-se a cada sexta-feira, 13, é o padre Fontes, que encabeça estas tradições para montar um convívio com direito a encenação e à cerimónia da “Queimada das Bruxas” – onde se faz um licor de aguardente, limão, açúcar e vinho tinto num caldeirão abraçado pelas chamas e pela oração que excomungaria as bruxas. (…)

O propósito mais comum para esta crença é identificado no estudo como o de dar uma explicação a infortúnios ou problemas que aparecem na vida das pessoas – escalpelizando e ajudando também a lidar com os mesmos.

“A crença em bruxaria está associada a uma maior fraqueza das instituições (como os governos, tribunais e a polícia), a baixos níveis de confiança social e a pouca inovação”, faz notar Boris Gershman. Apesar disso, há múltiplos factores em jogo.

Uma das correlações mais curiosas é com outras religiões: a maioria das pessoas que se assume como cristão ou muçulmano acredita em bruxaria. A justificação não foi investigada para este trabalho, mas uma das possíveis explicações é a crença no mal (ou no diabo), refere o investigador norte-americano. (…)

Mais educação e ciência, contudo, não parecem ser o antídoto, garante o investigador norte-americano. “Por exemplo, uma pessoa pode saber que a picada de um mosquito é a causa de malária e, no entanto, atribui em simultâneo o facto de o mosquito a ter picado a si como uma consequência provocada por uma prática de bruxaria”, exemplifica, dando conta de que não é apenas com a ciência e a educação que se alteram crenças. “É um processo de longo prazo, muito mais relacionado com a confiança nas instituições e nas pessoas que lhes transmitem informação. Enquanto não houver essa confiança, o sobrenatural continuará a ser uma resposta para os problemas que surgem”, diz.

https://www.publico.pt/2022/11/25/ciencia/noticia/ha-ha-quase-metade-portugueses-acredita-bruxaria-2029055